



UC/FPCE — 2015

Universidade de Coimbra
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

Inserção socioprofissional dos alunos do Ensino Profissional: A importância das *soft skills* e da formação em contexto de trabalho.

Carla Sofia Ferreira Francisco
(carla_sofia75@hotmail.com)

Relatório científico-profissional de Mestrado em Psicologia da Educação, Desenvolvimento e Aconselhamento sob a orientação do Professor Doutor Joaquim Armando Ferreira

Agradecimentos

A todos os que me incentivaram quando o cansaço e a falta de tempo quase se sobrepunham ao desejo de concluir mais uma etapa, em particular ao Professor Doutor Joaquim Armando Ferreira, à minha mãe, ao André, Clarisse, Dora, Helena, Margarida e Sílvia.

**Inserção socioprofissional dos alunos do Ensino
Profissional:
A importância das *soft skills* e da formação em contexto de
trabalho.**

RESUMO

O presente relatório científico-profissional centra-se na transição/inserção dos alunos diplomados dos Cursos Profissionais da escola para o mercado de trabalho ou ensino superior. Para melhor compreensão da temática realizei uma breve alusão ao percurso do Ensino Profissional em Portugal e uma contextualização científica tendo por base duas variáveis que considero influírem de modo preponderante numa inserção socioprofissional bem-sucedida. Focalizei a minha atenção em alguns conteúdos de referência como inserção na vida adulta, formação em contexto de trabalho e os conceitos de transição e *soft skills*. Aliados a estes, abordei o papel da Escola em geral, a sua organização e contributos, e em particular na escola na qual desempenho funções como psicóloga.

Através desta reflexão, fundamentada em determinados pressupostos de investigação, pretendi analisar a importância das *soft skills* e da formação em contexto de trabalho (maioritariamente no que respeita aos estágios) face à inclusão socioprofissional dos alunos oriundos do Ensino Profissional.

A fundamentação teórica do trabalho engloba alguns modelos de orientação e a confluência de uns com outros (desenvolvimentista, contextualista, construcionista, sistémico, motivacional, ...), bem como definições de diversos conceitos relativos ao estudo. Para o efeito, recorri a uma amostra ($N=16$) de ex-alunos de Cursos Profissionais da Escola Tecnológica e Profissional de Sicó composta por 8 participantes do sexo feminino e 8 participantes do sexo masculino. Os principais resultados obtidos mostram-nos que efetivamente estes alunos escolheram um curso profissional essencialmente pela oferta

formativa e pelas saídas profissionais (62,5%), bem como pela formação em contexto de trabalho e pelo ensino mais prático (50%). O motivo pelo qual escolheram a ETP Sicó prendeu-se sobretudo com os índices de conclusão, aproveitamento e empregabilidade da mesma (81%), pelo bom ambiente interno e relações interpessoais (75%) e equipamentos/materiais adequados (62,5%).

Palavras chave: ensino profissional, competências pessoais e sociais, inserção socioprofissional, transição para a vida adulta, estágio.

Socio-professional insertion of Technological and Professional School students: the importance of soft skills and training in a work context.

Abstract

This scientific-professional report focuses on the transition/integration from school into employment or higher education of students graduated from vocational courses.

For better understanding the theme I made a brief allusion to the route of the vocational education in Portugal and a scientific contextualization based on two variables that I consider important to a more successful socio-professional insertion.

I focused my attention on some reference contents such as insertion into adult life, training in a work context, and the concepts of transition and soft skills.

Combined with these concepts, I discussed the role of school in general, its organization and contributions, and in particular of the school where I work as a psychologist.

Through this reflection, based on certain assumptions of research, I intended to analyse the importance of soft skills and training in a work context (mainly regarding internships) for the socio-professional inclusion of students from vocational training.

The theoretical principles of this work concern some guidance models and the confluence with each other (developmental, contextual, constructionist, systemic, motivational...), as well as definitions of several concepts related to the study.

To accomplish this, I used a sample (N=16) of former students of vocational courses of ETP Sicó (vocational school) composed of 8 female and 8 male participants.

The main results obtained show that effectively these students chose a vocational training course essentially for the education/training offer and for the job opportunities (62.5%), as

well as the training in a work context, and a more practical education (50%).

The reason why they chose ETP Sicó is related mainly to the completion, progress and employability rates (81%), good internal environment and interpersonal relationships (75%), and adequate equipment/materials (62.5%).

Key Words: vocational training, personal and social skills, socio-professional insertion, transition to adult life, internship.

ÍNDICE

RESUMO	ii
INTRODUÇÃO	1
I. PERCURSO PROFISSIONAL	
1.1. Trabalho desenvolvido nos primeiros 8 anos de carreira	6
1.2. Funções desempenhadas na Escola Tecnológica e Profissional de Sicó	8
II. ENQUADRAMENTO CONCEPTUAL	
2.1. O papel da Escola	14
2.2. A orientação escolar e profissional na missão do Ensino Profissional	19
2.3. A inserção socioprofissional dos diplomados pelas escolas profissionais	21
2.4. Transição para a vida ativa e formação em contexto de trabalho	26
2.5. A transição para a vida ativa e o desenvolvimento das <i>soft skills</i>	30
III. OBJETIVOS	36
IV. METODOLOGIA	36
ESTUDO 1	
4.1. Amostra	36
4.2. Instrumentos	36
4.3. Procedimentos	37
4.4. Resultados	37
ESTUDO 2	
4.5. Amostra	39
4.6. Instrumentos	39
4.7. Procedimentos	39
4.8. Resultados	39
V. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	41
CONCLUSÃO	44
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	48
ANEXOS	51

INTRODUÇÃO

Na Lei de Bases do Sistema Educativo (Lei n.º 46/86, ponto 2), podemos ler que “ o sistema educativo é o conjunto de meios pelo qual se concretiza o direito à educação, que se exprime pela garantia de uma permanente ação formativa orientada para favorecer o desenvolvimento global da personalidade, o progresso social e a democratização da sociedade”. Nos princípios organizativos do Sistema Educativo, a mesma lei apela ao pleno desenvolvimento da personalidade do educando, da formação do carácter e da cidadania, permitindo que a educação nos traga a aptidão para refletirmos sobre valores espirituais, estéticos, morais e cívicos, ao mesmo tempo que fisicamente nos desenvolvamos de modo equilibrado. Parafraseando Rijo (2013) na 3.ª Conferência EPIS: Dar Esperança a Todos os Jovens que decorreu em Lisboa, a experiência mostra que o sucesso escolar não significa necessariamente maior ajustamento na vida e devíamos trabalhar sim para termos alunos e indivíduos equilibrados, humanos, justos e solidários. As escolas ainda promovem sobretudo a competitividade em lugar da colaboração e trabalho em parceria. Tudo se resume no melhor e mais capaz. A escola deveria ser perspectivada como um local onde TODOS se sintam confortáveis com o que são, disponíveis para aprender e ensinar. E isto desde cedo. Não pode continuar a ser vista como um local para onde se arrastam diariamente porque são “obrigados” e onde se sentem avaliados o tempo todo.

Na escola onde trabalho primamos pela proximidade. Proximidade entre alunos e professores, entre a escola e as empresas, entre os conteúdos e a sua real aplicação em contexto de trabalho. Valorizamos a componente comportamental, claramente evidenciada na avaliação, porque são principalmente as competências pessoais e sociais que, a

par das restantes, nos permitem demarcar valores, cumprir com princípios básicos de cidadania, almejar um bom desempenho a nível profissional, bem como realização pessoal e social. Como qualquer contexto, a “Escola” é uma combinação de espaços físicos e de pessoas e o modo como estas se relacionam entre si. Se estabelecermos uma relação positiva com o meio envolvente e com as pessoas que nele se movem, a escola tornar-se-á numa vivência agradável. Como é que podemos trabalhar para cumprir com esse objetivo? É imprescindível articularmos o nosso trabalho com toda a comunidade educativa. É no confronto diário com a vida na escola que melhor se promove uma educação de qualidade. A resposta passa pela promoção de atividades de integração, valorização das competências pessoais e sociais, atuando numa lógica de parceria e no trabalho em comunidade, articulado com diferentes agentes. E não pelo encorajamento da competição, olhando e avaliando os alunos de modo uniformizado. Sabemos que, desde muito cedo, logo no ensino pré-escolar, as crianças estão sujeitas ao escrutínio dos seus educadores e “reféns” da satisfação/frustração que advém de uma avaliação positiva/negativa. A maioria das pessoas resume tudo na vida no atingir determinados rankings ou taxas. Um dos problemas identificados em gabinete é a “carga” negativa, de stress e ansiedade, que alguns alunos atribuem ao “peso” da avaliação, inerente ao processo de ensino-aprendizagem. Ora o alvo do aluno deve ser a aprendizagem e o que de proveitoso e prazeroso dela obtém, apelando à simplicidade do ensino, procurando promover o prazer na aprendizagem, diminuindo o “peso” da avaliação. Analisando a prontidão para aprender, os interesses e perfil dos alunos, pretende-se que estes alarguem os seus horizontes e que aprendam a saber escutar, ouvir, interpretar e pensar.

O Ensino Profissional pretende criar nos jovens uma sólida formação sociocultural, garantir competências para a vida

e uma qualificação profissional precisa. De acordo com Joaquim Azevedo (2014) esta inovação sobreviveu mais de 20 anos porque criou um novo tipo de escolas para desenvolver um novo tipo de ensino, com a participação e implicação de centenas de instituições sociais, respondendo às necessidades reais das famílias e dos adolescentes e jovens e à heterogeneidade positiva com diferenciação positiva. Azevedo (2014) alerta para o facto da atual escolaridade universal até aos 18 anos, requerer redes locais de cooperação e entreajuda, redes de capacitação profissional de professores e formadores (formação na ação), uma cuidada orientação escolar e vocacional, promovida por psicólogos, por professores e por todos que pugnam por não deixar de criar oportunidades para cada um/a e para todos e insistir com cada jovem para que siga por diante na sua formação.

Por Ensino Profissional entende-se todas as modalidades de educação e formação profissional de jovens (considerados até aos 25 anos de idade) que permitem obter uma qualificação com certificação escolar e certificação profissional. A grande característica diferenciadora do ensino e formação profissional em Portugal é esta dualidade entre a componente escolar e a componente profissional, que confere no fim do percurso a dupla certificação. Atualmente, os cursos profissionais e os cursos de aprendizagem representam as duas grandes modalidades de ensino profissional numa proporção de 75% dos alunos para os cursos profissionais e 25% para os cursos de aprendizagem. O alargamento dos cursos profissionais às escolas da rede pública permitiu uma adesão significativa dos jovens às ofertas de ensino profissional fazendo com que Portugal tenha atualmente cerca de 43% de jovens em idade escolar do ensino secundário a frequentar estas modalidades de educação e formação (Xufre, 2014). Ao longo de um percurso com 30 anos (de 1983 a 2013), tem existido uma constante convergência de posições políticas sobre a necessidade de Portugal ter uma oferta educativa de

ensino profissional, atrativa para os jovens e suas famílias, valorizada pelas empresas e que associe a formação profissional relevante a um desenvolvimento pessoal e social que permita aos nossos jovens e futuros profissionais uma cidadania ativa. O grande desafio nos dias de hoje passa por conseguirmos colocar num determinado território a oferta necessária ao seu desenvolvimento e esta ser operacionalizada pelas entidades de educação e formação com a capacidade de resposta adequada e encaminhar para lá os alunos com o perfil, vocação e expectativas certas.

Mas como preparar o aluno no Ensino Profissional para o mundo e realizar a sua inserção socioprofissional? Qual a importância atribuída às *soft skills* e à formação em contexto de trabalho (sobretudo o que respeita aos estágios)? É tradicionalmente aceite que os alunos oriundos dos cursos profissionais estão efetivamente bem preparados tecnicamente, fruto, sobretudo, do trabalho dum corpo docente tecnicamente qualificado, de boas infraestruturas (instalações e equipamentos) como as da escola na qual trabalho, da ligação muito próxima às empresas da região, do acompanhamento diferenciado dos alunos, do modelo pedagógico baseado na progressão modular que favorece o sucesso nas aprendizagens, da importância da formação em contexto de trabalho, entre outras. Este trabalho pretende efetuar uma reflexão sobre a inserção socioprofissional dos diplomados pelas escolas profissionais, no caso específico da Escola Tecnológica e Profissional de Sicó, e as variáveis que influem no êxito dessa demanda com particular enfoque nas *soft skills* e na formação em contexto de trabalho. Ao longo deste relatório procuro refletir sobre a minha trajetória profissional e nas aprendizagens feitas, que funções fui desempenhando e o que cada uma contribuiu e contribui para um melhor desempenho, tendo, desde o início, como “pano de fundo” que “ a relação é o veículo primeiro e único através do qual educamos e nos

educamos” (Rijo, 2013, p.23). Assim, este relatório encontra-se estruturado da seguinte forma: um primeiro capítulo destinado à descrição do meu percurso profissional nos primeiros oito anos de carreira e na Escola Tecnológica e Profissional de Sicó; no segundo capítulo, é efetuado o enquadramento concetual sobre o papel da escola, no geral, e do ensino profissional especificamente no que diz respeito à inserção socioprofissional destes alunos e a sua transição para a vida ativa; um terceiro capítulo destinado aos objetivos do estudo desenvolvido; um quarto capítulo onde é descrito o tipo de amostra recolhida, os instrumentos utilizados e os procedimentos que estiveram na base da presente investigação. Por fim, segue-se a apresentação e discussão dos principais resultados obtidos e, no último capítulo, as conclusões a que este estudo/reflexão nos permitiu chegar.

I. PERCURSO PROFISSIONAL

1.1. Trabalho desenvolvido nos primeiros 8 anos de carreira

“A apreciação dos outros não me serve de guia. Apenas uma pessoa pode saber que eu procedo com honestidade, com aplicação, com franqueza e com rigor, ou se o que faço é falso, defensivo e fútil. E essa pessoa sou eu mesmo” (Rogers, 1961, p. 34).

Licenciei-me em Psicologia pela Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, em finais da década de 90, e o meu desejo de então era “ir para o terreno”, adquirir experiência profissional e perceber até que ponto as minhas capacidades/competências e interesses poderiam marcar a diferença pela positiva de modo a tornar-me uma profissional não necessariamente de reconhecido sucesso, mas cujo desempenho permitisse ajudar, com mérito, “os outros”. Com o passar dos anos aprendi que os verdadeiros sábios são humildes na transmissão dos seus conhecimentos.

Entre outubro de 1997 e julho de 1998 fiz o meu estágio curricular na Associação para a Recuperação de Cidadãos Inadaptados da Lousã (ARCIL), que trabalha sobretudo na área da deficiência, nos setores da formação profissional e no integrado (nas escolas). Considero importante ter começado a trabalhar na área da deficiência porque foi uma lição de humildade e um bom contributo para perceber as minhas limitações (enquanto pessoa e profissional) e o quão difícil é aceitá-las e focarmo-nos no que de positivo podemos trabalhar sem delírios de grandeza. Percebemos também que não devemos sobrepor as nossas necessidades de sucesso pessoal e profissional às dos nossos pacientes/utentes/alunos.

Adquiriti experiência profissional através do desempenho de funções, durante cerca de seis anos (entre 1998 e 2004), nos setores da Ação Social e da Educação no município da

Lousã como Psicóloga e Coordenadora de Projetos na Divisão de Desenvolvimento Social e Saúde. Atuei em áreas como a proteção de crianças e jovens em risco, formação profissional, prevenção primária da toxicodependência, organização de eventos, entre muitas outras. Pontualmente, prestei serviços como formadora e fiz prática de clínica privada. Durante seis anos, trabalhei como técnica cooptada na área da Psicologia na Comissão de Proteção de Crianças e Jovens da Lousã. Também o trabalho, desde cedo, com crianças e jovens se tornou um desafio interessante porque requer empenho, criatividade e espontaneidade levá-las a expressarem-se, sobretudo no que respeita às situações de risco em que a capacidade do técnico em transmitir aos jovens a esperança num presente melhor e num futuro risonho se revelava essencial. Dando espaço ao outro para se expressar, praticando uma escuta ativa, procurando adotar uma postura de empatia e até entusiasmo e centrando-me nos aspetos positivos verifiquei que se instalava uma liberdade, uma abertura da criança/jovem/adulto (paciente/aluno) para falarem dos seus maiores receios, talvez imbuídos da esperança de um final menos sombrio que se começa a desenhar, ao mesmo tempo que colocava, mais facilmente, em evidência, um diagnóstico da situação. Revejo-me assim em autores como Carl Rogers e outros cuja abordagem se foca no relacionamento interpessoal e para quem a psicoterapia era antes de mais uma relação interpessoal, positiva e construtiva, na qual o terapeuta é o elemento essencial da mudança terapêutica. Com o decorrer dos anos, e fruto já de alguma experiência adquirida, constatei que, segundo alguns relatos dos próprios pacientes, uma postura empática e entusiasta (esperançosa) do terapeuta/orientador associada ao sentimento de proteção (conforto/suporte) por eles sentido permitia o surgir de indícios para o diagnóstico. Percebi (ou foi-me dado a perceber!) que para “combater” as emoções negativas (as

palavras feias e pesadas repetidas frequente e insistentemente) como solidão, medo, sofrimento, dor, ansiedade, stress, pressão, avaliação, se procura a tal compreensão empática e o suporte e conforto que se retira da terapia ou orientação. Vim, pouco a pouco, a constatar que uma atitude serena, de abertura e de aceitação dava os seus frutos, o que me levou a estar mais atenta aos “defensores” da Psicologia Positiva (Abraham Maslow, Martin Seligman e de novo Carl Rogers) campo que estuda as experiências positivas, as forças e traços positivos, os relacionamentos positivos e as instituições positivas. Fez-me sentido não me debater tanto em debelar patologias e perturbações e centrar-me mais nas potencialidades e virtudes, nas emoções e relacionamentos sociais positivos, procurando alcançar objetivos intermédios, realistas e com significado. Este tipo de abordagem revelou-se produtiva, sobretudo na população jovem com a qual trabalho, traduzindo-se num clarear de ideias e no afastamento das inquietações mais “sombrias”.

1.2. Funções desempenhadas na Escola Tecnológica e Profissional de Sicó

Como diria o filósofo Giordano Bruno: “não me agrada aprender aquilo que não amo; não ambiciono conhecer aquilo que não me diz nada; desprezo um saber que não faça de mim sábio. Uma escola com futuro não transmite conhecimentos; é berço da sabedoria” (citado em Rijo, 2013, p.23).

Há cerca de oito anos que coordeno o gabinete de orientação escolar e profissional de uma escola profissional. Desde março de 2014 foi-me atribuída também a função de técnica de orientação, reconhecimento e validação de competências no Centro para a Qualificação e Ensino Profissional da referida escola.

Mantive uma preocupação constante em atualizar e complementar os meus conhecimentos e as minhas

competências técnicas através da frequência de pós-graduações e cursos/ações de formação em áreas que me permitissem dar um maior e melhor contributo às minhas entidades empregadoras e às pessoas que usufruíam dos meus serviços. No início da atividade profissional senti-me submergida de conceitos, teorias, técnicas, metodologias e mais preocupada com o diagnóstico do que em “ouvir”. Quase duas décadas depois, ouço mais e centro-me sobretudo no que os pacientes/alunos sentem e não tanto no que pensam. São sobretudo as emoções (o que sentimos) que nos levam a agir. Dai, o meu interesse, a dada altura, pelo “*acting-out* como forma de comunicação” (título de artigo que redigi no âmbito da pós-graduação que fiz em “Consulta Psicológica e Psicoterapia”). Em psicoterapia o paciente é a personagem principal da sua narrativa e os restantes personagens (família, amigos, colegas e professores, vizinhos) só vão surgindo à medida que este assim o deseje. Contudo, numa fase posterior, de modo a intervir de forma concertada e consolidar “ganhos” temos de atuar ao nível dos vários subsistemas e isto mostrou-se essencial em contexto escolar. A escola torna-se muitas vezes o mundo onde podem assumir um papel diferente do que desempenham no contexto familiar no qual se sentem por exemplo vitimizados. Num “cenário” diferente que é a escola poderão assumir-se não como vítimas mas como vencedores ou até o oposto, o de agressores.

Vivemos em sociedade, aprendemos e alteramos comportamentos na relação com o outro. Sozinhos, podemos até cumprir com determinados avanços e conseguir algo de representativo, mas através de um trabalho de equipa e uma intervenção sistémica os resultados obtidos são mais facilmente consolidados.

“A realidade é organizada em círculos, mas só enxergamos as retas, aí está a nossa primeira limitação. Não podemos ver somente as estruturas individuais e ignorar a

estrutura subjacente, o que causaria uma sensação de impotência em situações mais complexas. Na perspectiva sistémica, o ser humano é parte do processo, influenciando e sendo influenciado por ele” (Senge, 1994, citado em Riche & Monte Alto, 2001, p. 45).

Resultado da experiência profissional adquirida ao longo destes dezasseis anos de trabalho acredito cada vez mais que é através de uma boa relação interpessoal e da ligação saudável que estabelecemos com o que nos rodeia que se trabalham e alteram comportamentos. Se promovermos o espírito de equipa e de entreajuda e de parceria efetiva entre todos os intervenientes no processo de ensino-aprendizagem, bem como a criação de um ambiente positivo, saudável e de partilha entre todos os que estão “associados” ao espaço escola (direção, professores, alunos, técnicos, funcionários) não tenho dúvidas que alunos e professores terão todo o gosto em ir estudar/trabalhar e o farão com maior empenho e interesse.

Gaitas e Morgado (2010, p.367) referem que estudos recentes (Nicolaidou & Ainscow, 2005; Raley, 2007) indicam que um baixo envolvimento social na escola e os baixos níveis de colaboração entre os profissionais que nela trabalham (nomeadamente os professores), são fortes contributos para o abandono escolar. Para além disso, a exclusão escolar (insucesso e/ou abandono) tem sido fortemente atribuída à pressão competitiva que professores e alunos têm sido sujeitos. Para prevenir e combater esse problema trabalho em estreita articulação com os diferentes agentes educativos (pais, professores e outros elementos da comunidade educativa), na procura de respostas aos problemas que nos vão surgindo, uns mais concretos (como a prevenção dos comportamentos de risco) e outros de carácter mais transversal (como a educação para os valores e a cidadania). Estas descobertas foram importantes também na área do aconselhamento/orientação

vocacional e profissional porque o pressuposto é o mesmo. As inquietações, dúvidas, frustrações mais facilmente surgem à tona se o aluno sentir satisfeita a sua necessidade de confiança, segurança, conforto, suporte. É mais fácil delinear objetivos motivados pela esperança. Segundo Van Esbroeck (citado em Vondracek, Ferreira, & Santos, 2010, p. 7) “os profissionais de orientação vocacional mais informados estarão de acordo que a principal missão das suas intervenções é a de promover o desenvolvimento positivo.”

Refletindo sobre a minha experiência enquanto estudante e, mais tarde, como profissional, tenho de concordar com Rijo (2013, p. 22) quando refere que “ (...) Confundir educação com grau académico ou competência profissional é redutor e enganoso. Uma escola com futuro, cujo fruto seja motor de renovação da sociedade, tem o aluno no centro e não pode estar sempre a perturbar-se com politiquices, alterações organizacionais desnecessárias ou resistências perante qualquer alteração que é proposta. A escola deveria investir mais e maior esforço no capital humano. Os professores e todos os agentes educativos que nela intervêm devem estar na relação entre si e com os alunos, como peixe na água. Devem ser ajudados a alcançar na relação o mesmo conforto que um bom sofá proporciona. A relação é o veículo primeiro e único através do qual educamos e nos educamos. É o ingrediente ativo que qualquer educador deve saber manipular com mestria porque dele depende a adesão ou a recusa do aluno e porque, a partir da relação anteriormente estabelecida entre professor e aluno, tudo vai ser lido, a tudo vai ser dado um determinado significado.”

A ETP Sicó assegura, na sede e em cada um dos polos, o serviço de pelo menos um Psicólogo (na sede a tempo completo, nos polos a tempo parcial), o qual deverá intervir junto dos alunos (e de toda a escola) desde o momento da sua candidatura, passando pela orientação escolar, até à orientação

profissional, incluindo a colocação em estágios, seu acompanhamento e avaliação do percurso pós-formativo no período que se segue à sua saída da escola e integração no mercado de trabalho e/ou ensino superior. O psicólogo tem um contacto próximo com todas as turmas e com os alunos. Ele dinamiza a relação escola-família, faz o acompanhamento individual de alunos quando necessário, tem um papel ativo na dinamização de muitas das atividades de complemento de formação (ressalta-se o reforço da motivação dos alunos, através da realização de atividades de integração socio-afetiva no início do ano e socioprofissional ao longo do curso, colocando o jovem em contacto com os desafios profissionais e de integração social que o esperam, através de colóquios, aulas-debate, visitas de estudo, visionamento de filmes, trabalhos de campo, entre outros) e colabora com os diretores de curso na organização e avaliação de estágios, para além das tarefas de orientação profissional e apoio à inserção no emprego. A nossa escola procura acompanhar os técnicos que forma, tentando manter informações atualizadas sobre a sua situação profissional promovendo o estreitamento de relações com empresas e outras entidades situadas no mundo do trabalho, a colocação de ex-alunos e o acompanhamento da inserção dos mesmos na vida ativa. O psicólogo presta um serviço de orientação profissional, apoiando os jovens na procura de emprego, facultando-lhes informação disponível sobre ofertas e tendências do mercado de emprego e canalizando para os alunos já diplomados e alunos finalistas pedidos de técnicos que as empresas fazem frequentemente à escola. Efetua um trabalho de mediação e parceria entre escola, empresas e ex-alunos, orientando-os para um compromisso de trabalho, que se pretende que seja satisfatório para ambas as partes (empresa e alunos).

Como é através da articulação dos vários serviços de psicologia e orientação profissional que se garantem encaminhamentos com base no perfil, interesse e expectativas

dos alunos, é importante que os vários sistemas de orientação (os serviços de psicologia e orientação das escolas, os serviços de orientação profissional do IEFEP e os Centros para a Qualificação e o Ensino Profissional) articulem as suas atuações de modo a que todos os alunos conheçam as opções ao seu dispor e que as características de cada um desses alunos sejam potenciadas numa orientação e encaminhamento cada vez mais satisfatórios. Como a nossa escola viu o seu Centro para a Qualificação e o Ensino Profissional (CQEP) aprovado, desde o ano passado que tenho colaborado ativamente na implementação do mesmo, trabalhando como Técnica de Orientação, Reconhecimento, Validação e Certificação de Competências. No que concerne ao aconselhamento/orientação no âmbito de atuação do CQEP (o que faço há relativamente pouco tempo) identifiquei-me mais com a Teoria de Construção de Carreira de Savickas. Por exemplo o *Life Design* (LD) é uma abordagem narrativa ao aconselhamento de carreira fundamentada na Teoria de Construção de Carreira (Savickas, 2013) que visa ajudar as pessoas a construir planos de carreira a partir da reescrita da sua identidade narrativa e enfatiza o aconselhamento de carreira como processo de facilitação da construção de significado (Savickas, 2011).

II. ENQUADRAMENTO CONCEPTUAL

2.1. O papel da escola

Gaitas e Morgado (2010, p.367) referem no seu artigo “Educação, Diferença e Psicologia” que “Paige (1998) centra o trabalho do psicólogo no contexto escolar em quatro pilares essenciais: atualização dos modos de ensino e adaptações curriculares; desenvolvimento de planos de ação centrados nos alunos; apoio na construção de uma rede social e de amizades para todos os alunos e envolvimento de toda a comunidade educativa no sentido de facilitar mudanças institucionais pró inclusão. No que concerne à atualização dos modos de ensino e adaptações curriculares, o psicólogo pode articular com os professores um conjunto de estratégias que vão ao encontro das necessidades dos alunos que estão a experimentar dificuldades, adequando as formas de ensinar à sua singularidade, isto é, promovendo diferenciação pedagógica, ou ainda, como nos dizem Correia e Rodrigues (1999), contextualizar as aprendizagens ao nível da escola, ao nível da turma e ao nível do aluno. O psicólogo, juntamente com os professores, o aluno, a família e outros agentes educativos, deve desenvolver planos de intervenção fundamentados numa avaliação das necessidades de cada aluno, utilizando uma caracterização genérica dos seus interesses e motivações para melhor acomodar as suas necessidades, sendo o aluno o maior recurso nesse sentido. Assente no desenvolvimento de competências pessoais e sociais, no papel dos pares e no trabalho cooperativo, a construção de uma rede social representa uma dimensão determinante para a aprendizagem e implementação de práticas inclusivas. Estudos recentes parecem revelar que um baixo envolvimento social na escola e os baixos níveis de colaboração entre os profissionais que nela trabalham (nomeadamente os professores), são fortes contributos para o abandono escolar. O psicólogo educacional, tomando partido da sua área abrangente

de intervenção, poderá envolver e tentar comprometer os profissionais das escolas em políticas e práticas inclusivas” (Gaitas & Morgado, 2010, pp.367-369).

“ Não é recorrendo ao dicionário de palavras e alinhando uma série delas que se produzem frases significativas; também não é recorrendo ao catálogo das atividades e alinhando uma série delas, ao longo de semanas, que é legítimo esperar algo de consequente. Num e noutro caso, têm de estar subjacentes regras de produção quer seja de frases com sentido quer seja de uma intervenção de orientação significativa para as pessoas ”. (Campos, 1992, em Gomes, 2003).

A Escola Tecnológica e Profissional de Sicó (ETP Sicó) lida com a realidade de um território com características marcadamente rurais, com uma população envelhecida, de povoamento disperso (gerando isolamento), aliada ao baixo nível de escolarização e de qualificação, ao baixo rendimento das famílias e ao défice de acesso a bens culturais, o que vai condicionar o ambiente escolar e a motivação dos alunos, recrutados inicialmente entre os que não queriam prosseguir estudos de nível secundário ou já tinham mesmo abandonado a escola. Com este cenário, a ETP Sicó corria o risco de enfrentar problemas sérios de insucesso e de abandono. Esse risco e a necessidade de formar mão-de-obra qualificada que desse resposta às crescentes necessidades das empresas, exigiam uma escola diferente da escola tradicional. Foi com esse desafio que a ETP Sicó iniciou a sua atividade em 1991. Foi criada em 3 de Julho de 1991 por Contrato-Programa entre o Ministério da Educação e as Câmaras Municipais de Ansião, Alvaiázere e Penela e tem a sua sede em Avelar (Ansião) e delegações em Penela e Alvaiázere, localidades situadas no centro de Portugal, próximo de Coimbra. É um projeto intermunicipal, sendo as Câmaras Municipais de Ansião, Alvaiázere e Penela algumas das suas acionistas. Com instalações novas desde o ano de

2000 e ampliadas em 2010, a sede da ETP Sicó dispõe de infraestruturas adequadas à formação, com múltiplos espaços equipados, contando com um leque significativo de recursos didáticos. Atualmente a escola abrange cerca de 315 alunos no total (sede e polos) e recebe alunos oriundos de diversos concelhos, designadamente Ansião, Alvaiázere, Pombal, Ferreira do Zêzere, Figueiró dos Vinhos, Castanheira de Pera, Penela, Miranda do Corvo, Lousã, Figueira da Foz, Marinha Grande, Leiria, Porto de Mós, Nazaré, Porto Santo (Madeira), entre outros.

A Escola desenvolve a sua atividade em estreita articulação com o meio, tanto ao nível da definição da oferta formativa, como na organização de atividades formativas, na inserção profissional dos diplomados e ainda em projetos de interesse para o desenvolvimento local e regional, desenvolvidos em parceria com outras instituições, alguns dos quais não diretamente ligados à atividade formativa mas que potenciam a relação escola-meio e favorecem o crescimento, o emprego e a inovação. Existe um forte entrosamento do nosso trabalho com o de outras instituições a nível local, o que também ocorre nos planos regional e nacional e até a nível internacional.

O projeto educativo da nossa escola procura através da prossecução dos seus objetivos e implementação de diversas estratégias responder às necessidades diagnosticadas da região na qual se localiza. A missão prioritária da ETP Sicó é a qualificação dos recursos humanos da região, através de ofertas formativas que respondam às necessidades do tecido socioeconómico, apoiando a elevação dos níveis de escolarização e qualificação quer dos jovens quer da população ativa; contribuindo assim para o desenvolvimento local e regional. Qualificar o jovem simultaneamente para o exercício profissional e para o prosseguimento de estudos é um objetivo ambicioso mas é condição de sucesso dos alunos e da própria escola, sem o que esta seria sempre uma escola menor e

incapaz de cumprir o seu papel, inclusive no domínio mais restrito da qualificação profissional. Assim, os objetivos gerais da escola, de cada curso e de cada disciplina e módulo terão sempre que respeitar esta polivalência académica/profissional. Dadas as dificuldades de alguns alunos, o facto de alguns deles optarem decididamente pelo acesso imediato ao mercado de trabalho e a circunstância de trabalharmos no modelo de formação em estrutura modular, no respeito por diferentes pessoas/alunos, distintos ritmos de aprendizagem e tendo em conta o papel social da escola, que deve recuperar alunos sem rumo no sistema formal de ensino, teremos de admitir que alguns deles possam não atingir de imediato o objetivo da preparação para o prosseguimento de estudos, devendo no entanto colher as bases do conhecimento necessárias para, em aprofundamento posterior, a tal poderem aceder. Todos os alunos deverão atingir objetivos mínimos (cognitivos, afetivos e comportamentais) necessários à sua qualificação como técnicos intermédios, de acordo com o perfil profissional do respetivo curso. A nenhum deles será atribuído diploma de conclusão do curso sem ter atingido pelo menos esses objetivos mínimos. As situações de insucesso serão objeto de apoio pedagógico acrescido, no âmbito da gestão da formação em estrutura modular e nos termos do Regulamento Interno, com aulas suplementares e estratégias alternativas, e a intervenção do Serviço de Psicologia e Orientação Escolar, do Orientador Educativo de Turma e dos Professores. A escola estimula os alunos a prosseguirem estudos e aos que o pretendem, facultar-lhes apoio pedagógico acrescido, no domínio de conteúdos programáticos não constantes nos planos curriculares e no aprofundamento de outros que deles constam, considerados necessários ao seu ingresso no ensino superior. Ao longo de 22 anos a ETP Sicó consolidou uma experiência rica, potenciadora de intervenções de qualidade face aos desafios do presente: desenvolveu e aplicou com sucesso um modelo de formação

orientado para o mundo do trabalho, centrado no domínio técnico e na aprendizagem experimental mas também na formação pessoal e social; promoveu e foi parceira em múltiplos projetos; adquiriu hábitos de trabalho em parceria; tornou-se reconhecidamente uma escola empreendedora e inovadora.

O modelo dos cursos profissionais de nível secundário assenta no modelo de formação em estrutura modular, implicando inovações nos capítulos da organização e desenvolvimento curriculares, dos modos de gestão dos programas, da progressão e da avaliação. Procura-se abandonar as barreiras entre o saber, o saber ser e o saber fazer. É sempre o indivíduo, globalmente considerado, que é importante formar. É a pessoa o centro da educação e, como tal, o que será verdadeiramente importante numa sociedade em constante mudança é formar e desenvolver indivíduos capazes de «aprender a aprender, a desaprender e a reaprender». Assim, como vem referido no documento Projeto Educativo da ETPS, 2013, em vez de se partir daquilo que o aluno deveria saber, parte-se da determinação daquilo que o aluno poderá aprender, desempenhando o professor, em interação com o aluno, um papel de mediador do processo de aprendizagem do aluno que deverá, simultaneamente, caminhar para a responsabilização da construção da sua própria aprendizagem.

Considero que seria benéfico através da ativação do sistema de afiliação, deixando de recorrer tanto à avaliação tradicional, colocar o enfoque na educação informal e apostar nas capacidades de comunicação e de relacionamento interpessoal dos alunos, rentabilizando e estando atentos às suas experiências de vida. Talvez então alguns alunos deixassem de “sentir” a escola como um espaço não protetor e não válido no seu percurso de vida, o que traria certamente resultados positivos no que respeita especificamente ao que nos compete enquanto psicólogos e o nosso trabalho a tantos níveis, designadamente: problemas de comportamento e de

autorregulação; rejeição pelos pares; baixo autoconceito escolar; desvalorização da escola; ansiedade de desempenho; ausência de rotinas de estudo; baixa autoeficácia escolar; desconfiança face aos professores; entre outros, seria mais profícuo.

2.2. A orientação escolar e profissional na missão do Ensino Profissional

Reavivando as palavras de Rijo (2013) uma escola completa dá relevo a todas as formas de conhecimento, promove a diversidade de currículos e de áreas de formação, recusa a dicotomia ensino regular versus ensino profissionalizante, não encara o ensino obrigatório como propedêutica do ensino superior e não encara o ensino profissionalizante apenas como currículo para alimentar necessidades do mercado de trabalho. Tem como objetivos e foco de esforço promover aproveitamento e transição, ser mais eficaz no apoio aos alunos de risco, recusar a formação de turmas de nível, guardar medidas punitivas tradicionais para casos de exceção e aprender a lidar com alunos problemáticos e difíceis.

De acordo com Azevedo, Fonseca, Jacinto, & Pinto (2003), “(...) Por vezes os Serviços de Psicologia e Orientação existentes em escolas (do ensino regular ou tradicional) com 3.º ciclo ainda são estruturas de alguma forma isoladas do exterior, que funcionam de modo quase independente da oferta educativa e profissional do meio onde as escolas se situam. É importante criar estratégias de aproximação dos Serviços de Psicologia e Orientação às Escolas Profissionais, promovendo o perfil do Ensino Profissional junto de quem pode influenciar diretamente a realização de escolhas pelos jovens alunos, capacitando os profissionais de orientação e, através deles, os pais/encarregados de educação, para fornecerem aos jovens uma informação mais realista sobre o Ensino Profissional e

encorajando os alunos e respetivos pais que ainda vão afastando esse subsistema de ensino das suas opções a mudarem as suas representações e a olharem para o Ensino Profissional como uma opção entre escolhas possíveis e não como a 2.^a ou a 3.^a escolha.” (...). A relação do sujeito com o mundo é indissociável da ação – daí a importância das situações reais de contato direto com pessoas e com situações representativas da vida adulta e do mundo profissional tais como visitas a empresas e observação de postos de trabalho, experiências de trabalho e estágios em empresas, acompanhamento permanente de profissionais em exercício e entrevistas a profissionais. “ (Azevedo, Fonseca, Jacinto, & Pinto, 2003, pp. 121-122).

“Planear uma carreira encerra, hoje, mais incógnitas do que certezas. Perante um cenário de imprevisibilidade, em que as carreiras profissionais se desenvolvem em “voo de borboleta” (Azevedo, 1999, citado em Gomes, 2003, p. 3), a adaptabilidade afirma-se, desde o ingresso na vida ativa, como uma condição essencial no que respeita ao desempenho do papel de trabalhador. Apesar de todas as indefinições, o ingresso na vida ativa devidamente certificado escolar e profissionalmente, ainda é o dos indivíduos melhor preparados para enfrentar o desafio de construção e de implementação de projetos profissionais. Os milhares de jovens que todos os anos abandonam o sistema de educação-formação sem certificação escolar e sem qualificação profissional e ingressam na vida ativa nesta situação de dupla desqualificação, estão (praticamente) condenados a percursos de vida caracterizados, do ponto de vista profissional, por uma empregabilidade reduzida, ocupação de postos de trabalho precários, indiferenciados e mal remunerados, com todos os riscos que essa situação comporta em termos de (potencial) exclusão social futura (Cardoso & Detry, 1996). Nesta perspetiva, em vez de se falar em transição para a vida ativa, mais adequado seria falar-se em transições, tal a diversidade possível

de situações dos jovens à saída do sistema de educação-formação. Hoje, ingressar e permanecer no mercado de trabalho, exige uma crescente capacidade de adaptabilidade e de flexibilidade perante os desafios e uma permanente disponibilidade para formação ao longo da vida. É fundamental que a intervenção em orientação vocacional, na perspetiva de apoio sistemático à gestão de carreira, promova nos jovens os seguintes objetivos desenvolvimentais: tomada de consciência acerca dos seus interesses, atitudes, objetivos, capacidades e competências; conhecimento bastante alargado sobre tipos de cursos e de profissões que lhes poderão interessar; consciencialização da crescente flexibilização das relações entre formações, profissões e empregos; consciencialização sobre a natureza do mercado de trabalho e sobre a importância de levar em consideração esse mesmo mercado aquando da tomada de decisões vocacionais; aquisição de competências de empregabilidade e de gestão de carreira, capacitando os jovens para lidarem de forma mais adequada com o novo quadro de oportunidades e de constrangimentos sociais; promoção de comportamentos de exploração vocacional da realidade envolvente; atribuição de cada vez maior importância à preparação para o desempenho de outros papéis sociais que não o de trabalhador” (Gomes, 2003, p.3).

2.3. A inserção socioprofissional dos diplomados pelas escolas profissionais

Baseada no estudo coordenado por Azevedo (2003), cujo objetivo foi o estabelecimento de um quadro de desenvolvimento estratégico para o ensino profissional em Portugal, preferi usar o conceito de inserção social e profissional dos jovens diplomados pelas escolas profissionais ao invés do conceito de empregabilidade. À semelhança do apontado por Azevedo, empregabilidade tende a dar conta apenas de uma parte da

vasta problemática da inserção social e profissional, aquela que se refere ao desenvolvimento de um conjunto de competências, certamente importante, necessárias não só à procura de emprego como à sua preservação. “A inserção social e profissional destes jovens decorre num ambiente que se caracteriza, em termos gerais, por uma crescente precarização dos vínculos contratuais, por uma grande volatilidade dos referenciais, pela variedade das configurações familiares, por uma dificuldade crescente das famílias, dos jovens e das instituições escolares preverem o que possam vir a ser as trajetórias profissionais de cada diplomado e por uma enorme carga de incerteza que rodeia as profissões e a sua evolução futura” (Azevedo, Fonseca, Jacinto, & Pinto, 2003, p.77). Assinalaram-se, no supracitado estudo, alguns constrangimentos aos níveis de rendimento das escolas profissionais. Segundo informações prestadas em fevereiro de 2003 pelos diretores das escolas profissionais, a ineficácia devia-se ao ingresso precoce dos alunos no mercado de trabalho (atraídos pelas empresas, mesmo sem os seus cursos concluídos), ao défice de “bases” dos alunos, ao facto de uma parte dos alunos serem provenientes de meios sociais desfavorecidos (o que lhes dificulta o apoio cultural e familiar necessários) e os níveis de aproveitamento esperados. Contudo, Azevedo (2003) frisa a existência de um “efeito escola” que é desvalorizado pelos diretores das escolas. Entende-se que, globalmente, as escolas profissionais apresentam bons níveis de rendimento escolar porque as escolas são pequenas e facilitam um acompanhamento diferenciado dos alunos, porque o modelo pedagógico baseado na progressão modular favorece o sucesso nas aprendizagens, porque o seu regime de certificação é autónomo da certificação requerida para o acesso ao ensino superior, porque as escolas são pedagogicamente autónomas e muito ligadas às comunidades locais e às empresas. Ainda tendo por base as conclusões retiradas do estudo intitulado “O

Ensino Profissional em Portugal; Contributos para a formulação de uma estratégia para o seu desenvolvimento”, verifica-se que, enquanto via de concretização do Ensino Secundário orientada no sentido da preparação para o mundo do trabalho, as escolas profissionais dão aos alunos que as frequentam e que encaram, na sua maioria, “a inserção profissional no final do curso como algo indispensável à construção do seu futuro”, amplas razões para verem as suas expectativas correspondidas no essencial. Resumidamente, os alunos que frequentam o ensino profissional fazem-no, prioritariamente, por ser mais fácil encontrar emprego no fim do curso e porque querem arranjar um emprego correspondente a uma área de estudos pela qual se sentem mais próximos em termos de preferência afetiva. Se atendermos apenas ao nível secundário, as escolas profissionais são o segmento que melhor prepara os jovens para a inserção socioprofissional. Estudos efetuados, um da responsabilidade do Ministério da Educação (Neves & Neves, 2002), realizado em outubro de 1998, em que se compara a inserção socioprofissional de diplomados do ensino secundário provenientes dos três subsistemas (cursos gerais, tecnológicos e profissionais) e outro levado a efeito pela Fundação Manuel Leão (LABEDULIB), em janeiro/fevereiro de 2003 (especificamente orientado para a análise da inserção socioprofissional dos diplomados pelas escolas profissionais), confirmam que os jovens diplomados pelas escolas profissionais são os que se dirigem em maior número para o mercado de trabalho após a conclusão dos seus cursos, são os que em maior número realizam estágios no termo da sua formação, são os que apresentam um menor volume de desemprego, são os que se encontram melhor colocados em termos de níveis de qualificação profissional (trabalhadores qualificados), são os que auferem o melhor nível salarial (embora em todos os casos os salários sejam relativamente baixos) e são aqueles que reconhecem que a sua formação mais lhes facilitou a integração

no mercado de trabalho. Pode advogar-se que era isto que se esperava que resultasse da frequência das escolas profissionais. Mas, o que é assinalável é o facto do mesmo estudo nos revelar, ao mesmo tempo, que são os diplomados pelas escolas profissionais os que avaliam mais positivamente (e muito positivamente) os cursos que realizaram no nível secundário, são os que avaliam mais positivamente a “formação geral e sociocultural” recebida na escola e, a “articulação entre a formação teórica e prática” e, finalmente, são os que avaliam mais positivamente a “preparação escolar recebida”, quando comparadas as suas opiniões com as dos diplomados pelos cursos gerais e pelos cursos tecnológicos (Azevedo, Fonseca, Jacinto, & Pinto, 2003, pp.65-78). No caso específico da inserção social e profissional, as características das escolas profissionais que melhor as posicionam para a obtenção destes resultados são, no entender desse estudo: um currículo multidimensional e concebido para a preparação teórico-prática em ordem a um bem sucedido desempenho profissional; as escolas profissionais qualificarem os jovens em áreas e níveis em que o tecido produtivo está carenciado, logo, facilitando a inserção socioprofissional dos respetivos diplomados; em geral, as escolas profissionais nascerem localmente, fruto da iniciativa de promotores locais, o que as coloca de imediato dentro dos territórios onde estão implantadas, ou seja, nas suas dinâmicas sociais, económicas e empresariais. Este último aspeto surge como crucial para o sucesso do ensino profissional. Com efeito, os resultados obtidos no estudo refletem bem a importância da ligação das escolas profissionais à comunidade envolvente (recorde-se que, na maior parte dos casos, trata-se de escolas de iniciativa local, promovidas por instituições da sociedade civil de forte representação no meio), ligação essa que facilita a obtenção do emprego por meio de relações escola-comunidade. Estas relações adquirem uma importância significativa, não apenas como via de recrutamento profissional mas também

como meio de reconhecimento intrínseco da qualidade da formação ministrada, a isso devendo juntar-se a correspondente valorização social dos diplomados das escolas profissionais. Tais resultados evidenciam a importância do compromisso das escolas profissionais com o acompanhamento dos seus alunos no período de transição para a vida profissional, potenciando, em benefício dos alunos, o reconhecimento que as escolas e a sua oferta formativa possam ter na comunidade envolvente (Azevedo, Fonseca, Jacinto, & Pinto, 2003, p.99). Nas escolas que qualificam profissionalmente é muito importante que se criem culturas profissionais e de trabalho e que se estabeleçam fortes articulações com o meio económico envolvente. De que modo? Através da forte ligação entre teoria e prática, sala de aula e oficina/contexto de trabalho, da abertura das escolas não só à formação inicial de jovens, mas também à formação contínua de adultos, profissionais que muito podem contribuir para criar estes ambientes profissionais, realistas e positivos, da interligação entre disciplina(s) e projeto profissional, combinando aprendizagens escolares tradicionais com o desenvolvimento de projetos profissionais multidisciplinares, a testar e defender perante júris compostos também por profissionais, da organização de visitas de estudo, estágios profissionais e contatos regulares com empresários e profissionais dos diferentes ramos de atividade e da revisão curricular contínua, realizada em diálogo social entre escolas, empresários e profissionais do respetivo setor (Azevedo, Fonseca, & Pinto, 2003, p.101).

Sendo a minha escola uma Escola Profissional não poderia deixar de auxiliar os alunos na sua inserção no mercado de trabalho, daí também a preocupação constante em aperfeiçoar a forma de acompanhamento dos estágios e formação em contexto de trabalho e o apoio na procura do primeiro emprego. No que respeita à relação que a nossa Escola mantém com a comunidade envolvente importa referir o seu empenho na:

divulgação da sua oferta formativa junto das escolas do ensino básico e secundário e noutros eventos como feiras ou exposições; dinamização de atividades/ações de formação; articulação e diálogo com os serviços de saúde, educação especial, segurança social e comissões de proteção de crianças e jovens; participação em ações de formação dos seus colaboradores (do serviço de Psicologia e outros); ligação às empresas; divulgação de propostas de emprego e no encaminhamento dos pedidos das empresas para técnicos nos diferentes cursos disponíveis nesta escola.

2.4. Transição para a vida ativa e formação em contexto de trabalho

Temos de compreender a pessoa nos seus contextos. Neste tipo de estudo importa analisar as transições decorrentes da vida do jovem estudante do ensino secundário (no modelo de ensino profissional) para o jovem adulto (estudante do ensino superior ou trabalhador). Nem sempre a transição do jovem que entra no mundo dos adultos e do jovem adulto que sai de casa e vai viver para longe da família (a título de exemplo) é feita de forma serena, sem o despoletar de ansiedades, angústias e constrangimentos que se podem tornar até inadaptativos.

De acordo com Spierer (1977), “uma transição é qualquer mudança que tem importantes consequências para o comportamento humano. Essas transições poderão dever-se a fenómenos biológicos, sociológicos, ambientais, históricos ou outros. Podem ter consequências que são evidentes agora ou manifestadas numa data futura (e portanto têm “efeitos adormecidos”). Podem ser visíveis aos amigos e à sociedade (tornarem-se mais audazes ou ricos ou perder um emprego) ou permanecerem ocultas (como perder as nossas aspirações profissionais, por exemplo). Podem ser repentinas ou progressivas, como acontece com algumas doenças” (Spierer, 1977, p.6). De acordo com Anderson, Goodman, & Schlossberg

(2012) o adulto experiencia constantemente transições. A sua reação depende do tipo de transição que vivencia, do contexto em que esta ocorre e o impacto da mesma na sua vida. Uma transição não tem um ponto final, trata-se de um processo que, na maioria das vezes, inclui fases de assimilação e avaliação contínua à medida que a pessoa a integra, atravessa ou ultrapassa. Há variáveis (fatores) que influenciam as transições: a situação, o *self*, o tipo de suporte que temos e de que necessitamos e as nossas estratégias de *coping*.

O conceito de transição da escola para o emprego ou para a vida ativa é referido em muitos documentos internacionais, com definições levemente diferentes. A transição é descrita em Helios II (1996, p.4), como: “um processo contínuo de adaptação envolvendo diferentes variáveis ou fatores. É um processo que acontece permanentemente ao longo da vida de um indivíduo em momentos críticos como a entrada no jardim-de-infância, o fim da escolaridade obrigatória ou a mudança de ciclo de ensino” (citado em Oliveira, 2012, p.21). O International Labour Office (1998) define transição como: “[...] um processo de orientação social que implica mudanças de estatuto e de papel (ex. de estudante para formando, de formando para trabalhador e da dependência para a independência) e que é central para a integração na sociedade). [...] A transição requer uma mudança no relacionamento, nas rotinas e na autoimagem. A Labour Force Survey (2000) advoga que a transição da escola para o trabalho não é linear, isto é, que a saída da escola não é necessariamente seguida do início do trabalho. Ela é gradual e os jovens experienciam períodos intercalares de estudo e de trabalho. No enquadramento do trabalho desenvolvido pela Agência Europeia sobre este tema, a transição para o emprego surge como parte de um longo e complexo processo, que cobre todas as fases da vida de uma pessoa e que necessita de ser orientada da forma mais apropriada. “Uma vida boa para todos” bem como “um bom trabalho para todos” são os fins últimos de

um processo de transição bem-sucedido. Os tipos de recursos ou a organização da escola não devem interferir com ou impedir que se realize tal processo. A transição da escola para o emprego deve implicar uma contínua participação do aluno, o envolvimento das famílias, a coordenação entre todos os serviços envolvidos e uma estreita colaboração com o setor do emprego” (AEDNEE, 2002, citado em Oliveira, 2012, pp.32-33).

“A transição para a vida ativa é um processo integrado no desenvolvimento vocacional, que inclui um período de preparação e um período de ajustamento a papéis de vida, entre os quais o de trabalhador (Lent, 2004). Este processo decorre desde os primeiros anos do ciclo-vital até à entrada no mundo de trabalho, sendo influenciado por competências de carreira desenvolvidas em múltiplos contextos (Bailey, Hughes, & Mechur, 2001). Entre estes, destaca-se o contexto escolar, no qual os indivíduos desenvolvem hábitos de trabalho, responsabilização pelas suas ações, interesses vocacionais, bem como competências técnicas e de cidadania (Araújo et al., 2012). Atendendo à imprevisibilidade e instabilidade que caracterizam o mundo de trabalho atual, importa promover a agência pessoal na construção das trajetórias de vida e incentivar ao planeamento vocacional (Savickas et al., 2009). A escola assume um papel central na preparação da transição para a vida ativa e na qualificação dos jovens e a aquisição de competências para responder a desafios sociais, económicos e políticos (Palma, 2004). Para o efeito, os sistemas de ensino têm procurado diversificar a oferta educativa, conjugando dimensões vocacionais e educacionais, e valorizando aspirações de carreira dos discentes e exigências da sociedade (Maxwell & Rubin, 2002). Tal é espelhado durante o ensino básico e secundário e ao nível dos cursos profissionais, que se focam na facilitação da transição para o mercado de trabalho (Palma, 2004). O currículo específico destes cursos contempla experiências de aproximação à vida ativa, através da formação em contexto de

trabalho. Tais experiências devem promover a aquisição e transferência de conhecimentos em contextos laborais representativos da vida adulta, a reconstrução de significados acerca do mundo ocupacional, e a mudança saudável de papéis de vida” (Gomes, 2003; Herring, 2011, citado em Neves & Oliveira 2012, pp. 1-2).

De acordo com as considerações retiradas de um estudo realizado por Gamboa & Paixão (2014), parece inquestionável a relevância da experiência de estágio no desenvolvimento vocacional dos alunos dos cursos tecnológicos do ensino secundário, sobretudo no âmbito dos comportamentos de exploração. Os resultados encontrados sugerem ainda, na linha do pensamento de Tesluk e Jacobs (1998), que o impacto da experiência de aprendizagem em contexto real de trabalho depende das diferentes qualidades do contexto e das múltiplas possibilidades de interação que o mesmo oferece. Estes resultados reforçam, do ponto de vista dos autores, a natureza ecológica do desenvolvimento vocacional, porque apontam para a necessidade de, a exemplo do que sugere a perspectiva desenvolvimentista – contextualista (e.g., Vondracek et al., 1986; Vondracek, Ferreira, & Santos, 2010; Vondracek & Porfeli, 2008), se colocar o centro da análise no sistema de relações que se estabelecem entre o sujeito e o seu espaço relacional significativo. Nas ilações tiradas pelos autores do estudo coordenado por Azevedo podemos ler que (...) “a formação de cariz profissionalizante realizada pelos alunos do ensino profissional durante a frequência do respetivo curso facilita a transição escola emprego e que a facilidade de obtenção de emprego é maior para os diplomados dos cursos profissionalmente qualificantes (cursos tecnológicos e profissionais), demorando os ex-alunos do ensino profissional menos tempo a obter o seu emprego, quer se trate do primeiro emprego, quer se trate de mudança de emprego. No caso dos diplomados das escolas profissionais, quando o emprego é

obtido por via da escola profissional ou na sequência de estágio, esta obtenção ocorre num tempo significativamente inferior e o tempo de permanência nos empregos regista valores superiores” (Azevedo, Fonseca, Jacinto, & Pinto, 2003, p.84).

Na nossa escola todos os alunos realizam estágios ao longo do curso. As condições de realização e avaliação do estágio são objeto de protocolo negociado e assinado entre a escola, a empresa e o aluno/estagiário. Quando em estágio, o aluno ocupa um posto de trabalho concreto na empresa, como se fosse um dos seus trabalhadores. Os estágios são repartidos no tempo, decorrendo por fases e permitindo assim um conhecimento atempado da empresa, e o levantamento de dados para a elaboração de projetos específicos, nomeadamente a PAP. Entre o primeiro e o último período de estágio, o aluno tem contactos regulares com a empresa. O aluno em estágio permanece sob acompanhamento da escola, feito pelo diretor de curso e pelo Serviço de Orientação Profissional para além de ser acompanhado por um técnico da empresa. A avaliação do estágio é feita pelo próprio aluno e pelo conjunto dos técnicos acompanhantes (da escola e da empresa). Atendendo a que a formação em contexto de trabalho, prevista nos currículos dos cursos profissionais, constitui uma oportunidade para os alunos desenvolverem competências essenciais à transição escola-trabalho deve valorizar-se a qualidade dos técnicos que os acompanham no contexto de trabalho e a qualidade do tipo de acompanhamento feito (uma componente desde sempre enfatizada pela nossa escola).

2.5. A transição para a vida ativa e o desenvolvimento das *soft skills*

No que concerne à fundamentação teórica desta reflexão, a abordagem sistémica tem-se revelado eficaz na minha intervenção, tendo em conta os diferentes segmentos sociais em que o sujeito se encontra inserido, isto é, no contexto familiar,

social, escolar, comunitário (segmentos que se envolvem mutuamente e formam um sistema em relação). “A abordagem sistêmica em educação pode ser definida como uma orientação teórico-prática que se concentra essencialmente sobre os processos de interação e comunicação entre os membros de um determinado sistema educacional, mais do que sobre a natureza e dinâmicas individuais de cada elemento, sejam competências, modelos e estratégias do educador ou capacidades, motivações, estratégias cognitivas do educando” (Farinha, 1990, p.12). Segundo Farinha os resultados do processo educativo devem ser entendidos como tendo origem não neste ou naquele elemento de uma situação educativa, mas no próprio fenómeno da relação educativa.

No domínio das estratégias, ressalta-se então a importância da aplicação do modelo sistémico em contexto escolar devidamente enquadrado numa equipa multidisciplinar, numa ótica de trabalho em rede com elementos da escola e da comunidade. O trabalho desenvolvido dentro da escola, com a direção, os professores e as estruturas de orientação educativa é crucial bem assim como a mobilização de todos os recursos da comunidade (tecido empresarial, associações, entidades promotoras de educação e formação, famílias, municípios, centros de saúde, centros regionais da segurança social), indispensáveis para o desenvolvimento do trabalho no âmbito da orientação ao longo da vida.

Fruto do trabalho desenvolvido ao longo destes anos elenquei uma série de aspetos que verifiquei contribuírem para um maior ou menor êxito escolar e que estão, de algum modo, implicados nos diversos programas de desenvolvimento de competências pessoais e sociais (*soft skills*). “Alguns estudos têm evidenciado como o rendimento em sala de aula pode ser afetado a partir do tipo de relação que o professor estabelece com os seus alunos. Características de personalidade do professor como paciência, dedicação, vontade de ajudar e

atitude democrática facilitam a aprendizagem (Chalita, 2001; Sarkissian, 2000; Thums, 1999). Ao contrário, o autoritarismo e a inimizade geram antipatia por parte dos alunos, fazendo com que estes associem a matéria ao professor e reajam negativamente a ambos (Aragonés, 1995; Esfandiari, Kourllsky, & Wittrock, 1998; Formiga & Menezes, 2000). Claro que outros fatores, como o tipo de família, número de irmãos e educação familiar, são bastante relevantes para um bom rendimento escolar, assim como as características individuais dos alunos (maturidade, ritmo pessoal, interesses e aptidões específicas, problemas nervosos e orgânicos) e também têm recebido grande atenção para explicar o problema do êxito escolar. Neste sentido, a Escola procura manter equilibrada a relação aluno-professor-família (Apostoleris, Benjet, Grolnick, & Kuroswky, 1997), principalmente se considerarmos a diversidade que se encontra no processo educacional (Bruner, 2001; Perrenoud, 2001). Segundo Niquini (1999), Mora, Ovejero, & Pastor (2000), a escola ter-se-á esquecido de alguma forma do foco na interação entre as pessoas que a compõem, fazendo com que não passasse a viver tanto as potencialidades educativas quanto à qualidade no relacionamento, as quais fomentam a interdependência social e apontam para uma melhor produtividade e bem-estar psicológico dos estudantes e, consecutivamente, do professor” (Collares, 2011). Tendo por base o artigo traduzido por Carlos Fernando Collares intitulado “Autoeficácia nas palavras do próprio Albert Bandura”, (artigo que contextualiza e exemplifica o conceito de autoeficácia e o papel que ela exerce na aprendizagem, nas escolhas profissionais, no bem estar pessoal e familiar e no sucesso profissional) “a autoeficácia percebida é definida como a opinião da pessoa sobre as suas capacidades em produzir níveis de desempenho designados que exercem influência sobre os eventos que afetam as suas vidas”. Continua referindo que “um forte senso de eficácia reforça a realização humana e o bem-estar pessoal de várias maneiras. Pessoas com elevada

confiança na sua capacidade abordam tarefas difíceis como desafios a serem superados ao invés de ameaças a serem evitadas. Tal abordagem eficaz produz realizações pessoais, reduz o stress e diminui a vulnerabilidade à depressão” (Collares, 2011, p.2).

Collares (2011) menciona também que “a escola funciona como o local primário para o cultivo e a validação social de competências cognitivas. Mas, para além da educação formal, são muitos os fatores sociais, como o modelamento por pares, a comparação social de desempenho com outros estudantes, o reforço motivacional com metas e incentivos positivos e interpretações dos professores sobre sucessos e fracassos (de formas que reflitam favorável ou desfavoravelmente na sua competência) que também afetam os julgamentos dos jovens sobre a sua eficácia intelectual. As estruturas de aprendizagem cooperativas, nas quais os estudantes trabalham em conjunto e se ajudam uns aos outros igualmente tendem a promover autoavaliações mais positivas da capacidade e realizações académicas mais elevadas do que fazem as pessoas individualistas ou competitivas” (Collares, 2011, pp. 9-10).

As *soft skills* são atributos e competências pessoais que permitem ao indivíduo melhorar as suas interações com os outros e com o mundo em seu redor. Estas competências caracterizam-se por não serem específicas para um posto de trabalho e podem ser úteis em qualquer área profissional ao mesmo tempo que são valiosas, também, para melhorar e tornar a vida pessoal mais positiva. Os empresários comunicam-nos diariamente que preferem um aluno menos bom tecnicamente mas que detenha atributos como responsabilidade, pontualidade/assiduidade, disponibilidade para aprender, que não seja conflituoso do que o inverso, porque as *hard skills* (as competências técnicas) acabam por adquirir-se com o tempo e a rotina do dia-a-dia na empresa. Atualmente é comumente aceite que as competências pessoais e interpessoais (*soft skills*) como

assertividade, poder de persuasão, falar em público, capacidades de liderança, capacidade de ensinar, atitude positiva, saber trabalhar em equipa, criatividade, entre outras, corroboram cada vez mais o perfil do profissional ambicionado pelas empresas. Em posições de liderança, aqueles que conseguem incluir a perceção do outro na sua realidade, geralmente, tornam-se referência para as suas equipas e contribuem para a construção de um diferencial de conduta. Pelo exposto se percebe que, a par das competências cognitivas, as competências transversais (no domínio do interpessoal denominadas *soft skills*) são fundamentais para uma boa inserção a nível socioprofissional. A avaliação das empresas aos alunos e ex-alunos (e, por via deles, à escola) é feita em função das competências técnicas, profissionais, humanas e sociais que revelam no exercício do seu trabalho e na interação com o ambiente empresarial. A nossa escola, desde cedo, destacou a relevância das *soft skills*, assumindo um compromisso na implementação de estratégias que promovessem um bom desempenho dos nossos alunos a nível comportamental. Isto mesmo se torna evidente na criação de grelhas de avaliação das competências pessoais e sociais dos alunos, nas grelhas de avaliação usadas pelos docentes onde o comportamento assume um peso considerável (30% da avaliação), na majoração na nota dos alunos quando estes apresentam um comportamento “bom” ou “muito bom”, no quadro de mérito por empenho (a par do mérito por aproveitamento), no facto de constituir um dos critérios de seleção para a participação em projetos internacionais, na implementação de sessões de desenvolvimento de competências pessoais e sociais, entre outros. A formação integral e integrada pressupõe a realização plena da função educativa da escola, que não passa apenas pelo domínio do conhecimento científico e técnico (mas sendo este também essencial) e pela sua aplicação na escola e no posto de trabalho, mas também pela criação de condições para a

integração do aluno na sociedade do presente e do futuro como cidadão consciente, responsável e interventor. Ao “saber” e ao “saber fazer” terá a escola que acrescentar uma sólida cultura de valores conducente ao sucesso na vida ativa, sendo que tal não passa tanto pela transmissão/assimilação de padrões culturais dominantes (que no entanto o jovem deve conhecer e com que tem de se haver) mas principalmente pela capacidade de os discutir e sobre eles agir, através de um espírito crítico sagaz e responsável e com abertura à mudança, à inovação e à criatividade. Formação integral passará também pela abertura a um mundo sem fronteiras, promovendo a assimilação e a concretização do projeto de construção europeia, de desenvolvimento na sociedade de informação e de interdependência global, que se afiguram desafios fundamentais da sociedade neste virar de milénio. Para isso, a Escola Tecnológica e Profissional de Sicó também promove e valoriza as ações de intercâmbio e parceria com escolas e instituições de outros países e regiões, particularmente no âmbito da União Europeia.

III. OBJETIVOS

3.1. Objetivos

A presente investigação pretendeu analisar os resultados obtidos por um inquérito realizado em 2011 (no âmbito de um trabalho de investigação sobre a organização e gestão dos estágios de alunos dos cursos profissionais de nível secundário) aos diplomados pela ETP Sicó entre 2001 e 2010 (parceria da ETP Sicó com a Escola Superior de Educação Jean Piaget) com os resultados de um outro questionário elaborado neste estudo (e administrado em 2015). Os objectivos principais foram os seguintes:

Analisar o efeito da formação proporcionada pela escola e da formação em contexto de trabalho, no processo de inserção socioprofissional dos alunos (Estudo 1).

Contribuir para a compreensão do papel das *soft skills* e da formação em contexto de trabalho na inserção socioprofissional dos alunos da ETP Sicó (Estudo 2).

IV. METODOLOGIA

ESTUDO 1

4.1. Amostra

A amostra foi constituída por 154 indivíduos, dos sexos feminino (45,5%) e masculino (54,5%), com idades compreendidas entre os 18 e os 35 anos, representando 30% do universo potencial de inquiridos: os diplomados pela ETP Sicó na referida década em seis cursos ministrados na sede desta escola, num total de 516 diplomados. A grande maioria dos inquiridos tinha mais de 20 e menos de 30 anos.

4.2. Instrumentos

Inquérito por questionário *on line* realizado em 2011, cuja

finalidade foi recolher informação que nos ajudasse a avaliar a importância da formação em contexto de trabalho (na forma de estágios) no âmbito dos cursos profissionais, como fator de inserção socioprofissional, estímulo à empregabilidade e contributo à realização pessoal; bem como identificar eventuais constrangimentos que podem verificar-se na organização dos estágios e propor ações de melhoria, de modo a que os estágios cumpram a sua função e promovam a aproximação escola-empresa.

4.3. Procedimentos

Inquérito por questionário *online* através do link <https://spreadsheets.google.com/viewform?formkey=dEhzOG1ZUJYSmxlb3ctbmJhdHhsZEE6MQ> que permitiria ajudar a identificar pontos fortes e a detetar dificuldades nos estágios realizados por diplomados pela ETP Sicó, para mais facilmente podermos reorganizar qualitativamente o processo.

4.4. Resultados

A esmagadora maioria dos inquiridos referiu estar empregada (70,8%) e 16,9% referiu estar a frequentar o ensino superior. Apenas 5,2% dos inquiridos referiram estar desempregados. Se considerarmos que os inquiridos que se encontram no ensino superior são, em princípio, não empregados por opção, e que os que indicaram outra situação face ao emprego (serviço militar, estágios profissionais, entre outros) também não são propriamente casos de desemprego, temos uma taxa de emprego potencial (empregabilidade) de 94,8%, contra a referida percentagem de desempregados de 5,2%, situada muito abaixo da taxa de desemprego registada então em Portugal e ainda mais distanciada da taxa de desemprego juvenil no espaço europeu, que se aproximava de 40%. Este elevado índice de empregabilidade dos diplomados pela Escola Tecnológica e Profissional de Sicó não se explica,

portanto, apenas pelas ofertas de emprego direto resultantes da realização de formação em contexto de trabalho, mas as respostas obtidas permitem constatar a importância desse processo para a aquisição de competências úteis no exercício profissional subsequente valorizando os cursos profissionais e, particularmente a formação ministrada por esta escola, com uma avaliação muito positiva do estágio, do seu acompanhamento pela escola e, bem assim, da preparação anteriormente proporcionada ao aluno para o ajudar a enfrentar esse desafio. Numa época em que os percursos profissionais se constroem em cenários de imprevisibilidade, de reconversão e reorientação, afastando-se frequentemente da qualificação inicial, constatamos que 80% dos inquiridos desempenham tarefas de alguma complexidade técnica, ainda que não de grande especialização, que fazem apelo aos saberes adquiridos durante o curso. Aliás, a adequação das competências adquiridas na formação inicial face às necessidades do exercício profissional atual fica patente na percentagem de respondentes que afirmam que, se fosse hoje, escolheriam o mesmo curso profissional (79,2%). Outro aspeto importante para caracterizar a empregabilidade do ponto de vista qualitativo é a natureza dos vínculos laborais existentes. Verifica-se que, dos inquiridos que responderam à questão (n=116), a maioria referiu ter um contrato sem termo (62,1%, n=72), seguindo-se o contrato a termo certo (32,8%, n=38), o que é um resultado verdadeiramente notável no período em análise, numa população cuja média de idades é de 24 anos e no contexto socioeconómico do presente, visto que se trata de diplomados que concluíram os seus cursos entre 2001 e 2010.

ESTUDO 2

4.5. Amostra

Foi selecionada uma amostra ($N=16$) de ex-alunos de Cursos Profissionais promovidos pela Escola Tecnológica e Profissional de Sicó composta por 8 participantes do sexo feminino e 8 participantes do sexo masculino que concluíram os seus estudos entre os ciclos formativos de 1996-1999 e 2011-2014, com idades compreendidas entre os 19 e os 36 anos. A amostra está distribuída da seguinte forma: 9 participantes que estão empregados; 3 desempregados; 2 estudantes e 2 participantes que estão em estágio profissional, com idades compreendidas entre os 19 e os 36 anos. 10 dos participantes possuem o 12.º ano, 5 são licenciados ou com bacharelato e 1 está a concluir o doutoramento.

4.6. Instrumentos

Foi elaborado um questionário composto por 7 perguntas de escolha múltipla e 2 questões de desenvolvimento cuja finalidade foi recolher informação que nos ajudasse a avaliar a importância das soft skills e da formação em contexto de trabalho (na forma de estágios) no âmbito dos cursos profissionais, como fator de inserção socioprofissional.

4.7. Procedimentos

Os candidatos selecionados foram contactados via telefone e email. Depois de autorizarem fazer parte da presente investigação, os questionários foram enviados via email para que os sujeitos selecionados os pudessem preencher e remeter após completados.

4.8. Resultados

Os principais resultados obtidos mostram-nos que efetivamente estes alunos escolheram um curso profissional

essencialmente pela oferta formativa e pelas saídas profissionais (62,5%), bem como pela formação em contexto de trabalho e pelo ensino mais prático (50%). O motivo pelo qual escolheram a ETP Sicó prendeu-se sobretudo com os índices de conclusão, aproveitamento e empregabilidade da mesma (81%), pelo bom ambiente interno e relações interpessoais (75%) e equipamentos/materiais adequados (62,5%).

No que concerne à qualidade do ensino prestado pela escola, 69% consideram que se verifica ao nível do acompanhamento em estágio, das atividades de complemento de formação e na qualidade do corpo docente. 63% atribuem essa qualidade às relações com o tecido empresarial e ao ambiente interno / relacionamento interpessoal. 56% relacionam esse fator com o acompanhamento dos alunos com maiores dificuldades, instrumentos de avaliação e materiais de apoio adequados e o Programa Erasmus.

Quando inquiridos sobre que tipo de capacidades/competências é que a formação em contexto de trabalho (FCT) lhes permitiu rentabilizar, todos (100%) responderam a experiência em situação real de trabalho e 81% referem o desenvolvimento de competências pessoais e sociais.

O fator que consideram mais importante (69%) para uma boa inserção socioprofissional é o desenvolvimento das competências pessoais e sociais (saber estar, saber ser) o qual classificam como essencial, seguido neste caso do desenvolvimento das competências técnicas (saber fazer) com 38%.

V. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Acreditamos que educar é preparar o indivíduo para o mundo. A relação do sujeito com o mundo é indissociável da ação – daí a importância das situações reais de contacto direto com pessoas e com situações representativas da vida adulta e do mundo profissional como: acompanhamento permanente de profissionais em exercício; entrevistas a profissionais; visitas a empresas e observação de postos de trabalho; experiências de trabalho e estágios em empresas.

Os dados referentes à situação atual face ao emprego confirmam os bons índices de empregabilidade das amostras. Tanto os resultados do inquérito administrado em 2011 como o questionário administrado em 2015 evidenciam bem a qualidade do projeto educativo da ETP Sicó, a sua inserção no meio, a articulação entre a escola e o tecido socioeconómico e, portanto, a capacidade de organizar e oferecer respostas formativas adequadas à satisfação das necessidades regionais e de responder à confiança crescente das empresa e das famílias.

Atualmente a taxa de conclusão média dos alunos que se matricularam na ETP Sicó ao longo de 22 anos é de 80%, valor muito acima da taxa verificada o mesmo período no ensino secundário e acima da média das escolas profissionais. Dos alunos que concluíram os seus cursos na ETP Sicó, inicialmente só cerca de 10% prosseguiram estudos de nível superior. Nos anos mais recentes essa percentagem tem vindo a subir, rondando atualmente os 22%. Cerca de 75% dos alunos que concluíram os seus cursos e não prosseguiram estudos estão empregados.

No questionário do estudo 2 podemos retirar das respostas de desenvolvimento dadas que as competências pessoais e sociais são muito importantes porque são: um fator diferenciador na seleção de profissionais; uma prioridade visto

que é aquilo que distingue a pessoa capaz tecnicamente da pessoa de excelência (esta sabe lidar não só com os aspetos técnicos da sua área mas também como integrar-se num grupo de trabalho);o ponto de partida para se ter uma boa postura em qualquer posto de trabalho e a chave para o sucesso de qualquer profissional (mais importante que saber fazer, está sem dúvida o saber ser e o saber estar, assim como a motivação/disponibilidade demonstrada para abraçar novos desafios). Para além disso: influenciam o comportamento do estagiário na formação em contexto de trabalho, nomeadamente no relacionamento interpessoal com o orientador de estágio e com os colaboradores da empresa; capacitam pessoas para melhor lidar com os variados desafios e as situações-problema que enfrentam diariamente; saber respeitar tudo e todos, principalmente saber ouvir e aceitar críticas e louvores. Relativamente ao estágio consideram tratar-se de “uma importante primeira experiência no local de trabalho onde é possível desenvolver e validar, em ambiente controlado, as competências adquiridas no curso profissional”; “um complemento para o desenvolvimento das competências pessoais e sociais e imprescindível no percurso do futuro profissional”; “um primeiro contacto com o mundo do trabalho que se traduz numa experiência de peso, a qual deve ser encarada com seriedade e como um instrumento de aprendizagem por parte do estagiário (este, deve aproveitar o estágio, quer para consolidar as suas competências técnicas, quer para desenvolver as suas competências pessoais) ”. “Permite ter contacto com um mundo do trabalho durante a formação, uma vez que a maior parte dos formandos não fazem mínima ideia das competências que são necessárias em situações do dia-a-dia”; “permite que façamos a junção das *soft skills* ao contexto *on job* criando a possibilidade de aplicação de conhecimentos adquiridos, mas mais importante ainda, a capacidade de relacionar o que se aprendeu com a prática

comum das entidades, rentabilizando a aprendizagem e permitindo-nos crescer intelectualmente”; “fomenta o relacionamento interpessoal em contexto de trabalho, despoletando, muitas vezes, o primeiro contacto com prazos, situações de pressão e até de reforços positivos”.

Na ETP Sicó valorizamos muito a participação das empresas na avaliação da escola e dos alunos. Apresentam-se seguidamente algumas opiniões veiculadas por empresários relativamente à ETP Sicó, no âmbito duma avaliação externa:

- “Os alunos formados na Escola Tecnológica e Profissional de Sicó possuem bons conhecimentos, boa preparação técnica e prática”;
- “Os alunos evidenciam elevado sentido de responsabilidade, rigor e disciplina na execução dos trabalhos”;
- “Estes alunos saem com uma preparação adequada, cuja formação é, sem dúvida, melhor do que a recebida por alunos oriundos de outras escolas”
- “É a única escola que conhecemos que acompanha efetivamente os estágios dos alunos (...). Por outro lado, a preparação técnica que trazem também os distancia de alunos oriundos de outras escolas”.

CONCLUSÃO

“A experiência mostrou-me que as pessoas têm fundamentalmente uma orientação positiva”
(Rogers, 1997)

A ETP Sicó tem sido reconhecida como uma escola de referência. Teve avaliações positivas do Ministério da Educação e de outros organismos, ganhou a confiança das famílias e a preferência das empresas e obteve taxas de conclusão e de empregabilidade muito acima da média do ensino secundário que espelham uma adaptação correta de um modelo organizativo específico aos cursos que ministra. Apostou de forma decisiva nas novas tecnologias, o que mereceu à ETP Sicó a certificação pelo Ministério da Educação e pela Comissão Europeia como escola inovadora, integrando a Rede Europeia de Escolas Inovadoras. Privilegia a articulação entre a teoria e a prática, com particular insistência na última, correspondendo de uma forma mais adequada às expectativas e interesses dos jovens. Promove também, de forma sistemática, uma estreita relação com o mundo de trabalho, preocupando-se com a integração dos seus alunos na vida ativa.

Ter empregabilidade (capacidade de ter trabalho e remuneração) traz segurança e segurança é um dos principais componentes da liderança (Pontes, 1996). Segundo o autor, as bases da empregabilidade, são a: adequação vocacional; competência profissional; idoneidade; saúde física e mental; reserva financeira e fontes alternativas e relacionamentos. Ao longo destes anos percebemos que o facto de trabalharmos os aspetos referidos por Pontes e a importância que atribuímos, desde sempre, ao saber estar e saber ser, a par do conhecimento técnico que pretendemos que os nossos alunos adquiram (bem como o excelente acompanhamento técnico de

que beneficiam nos momentos da formação em contexto de trabalho) e a relação privilegiada que mantemos com as empresas, é que nos diferenciaram pela positiva demarcando-nos a nível comportamental, facilitando de modo inequívoco a inserção profissional dos nossos ex-alunos.

O conceito de educação evoluiu, ultrapassando as fronteiras de espaço e tempo em que o aluno faz o seu período de escolarização, para dar lugar a um processo de aprendizagem ao longo da vida, isto é, possibilitando a cada um a capacidade de saber conduzir a sua vida num mundo onde a rapidez das mudanças se alia ao fenómeno da globalização, e no qual se requer um alto grau de competitividade que, mais do que nunca, exigirá a disposição para aprender mais e sempre. Por isso, fugindo (o mais possível) ao modelo do ensino massificado das últimas décadas, a ETP Sicó apostou em estratégias de ensino-aprendizagem centradas no aluno-pessoa, considerando as expectativas de cada formando, respeitando os seus ritmos de progressão na aprendizagem e desenvolvendo atividades de apoio, não apenas para os que revelam mais dificuldades como para os que se propõem atingir objetivos mais ambiciosos. É usual fazer-se com alguma regularidade uma análise SWOT da nossa atuação e o que registamos como pontos fortes na nossa prática passa pelos seguintes aspetos: organização interna, prática e diferenciação pedagógica, direção e coordenação de pessoas e serviços, atividades de complemento de formação, ambiente interno e relações interpessoais, oferta formativa diversificada, experiência e know how adquirido, apoios económicos aos alunos, salários em dia, creditações e homologações. No que respeita a ameaças identificamos: oferta de cursos profissionais nas escolas públicas, pré-requisitos e falta de motivação dos alunos, concorrência das outras escolas profissionais, fraco envolvimento por parte dos pais e encarregados de educação, abandono escolar, Ensino Profissional visto como opção de

segunda, aumento da emigração, entre outras. Relativamente às oportunidades reconhecemos a importância de: prestação de novos produtos/serviços, diversificação da oferta formativa, melhoria das estratégias de marketing, melhoria do clima e da coesão internos, potenciação da participação em redes de cooperação, a existência de um CQEP, aproveitamento de novos quadros comunitários de financiamento, aposta na internacionalização, entre outras. Como sugestões de melhoria consideramos pertinente: inovar na prática educativa, reorganizar/simplificar procedimentos, incrementar mais ainda as relações com o tecido empresarial, melhorar a prática pedagógica e administrativa-pedagógica, melhorar a comunicação e o clima internos, reforçar o trabalho em parceria, envolver mais os encarregados de educação (nível e qualidade de estimulação por parte da família, valorização atribuída pelos pais à escola), “abrir” mentalidades, melhorar a organização, reduzir o tempo de transporte dos alunos escola-casa e vice-versa, entre outras.

Contribuir para a realização pessoal dos jovens e a sua preparação adequada para a vida ativa surge à cabeça dos grandes desígnios da escola à qual pertencem, contudo, cabe-lhe também proporcionar uma formação capaz de assegurar o prosseguimento de estudos àqueles que o desejam. Teve pois que se assumir, em primeiro lugar, como instituição de formação capaz de preparar os jovens para a entrada imediata no mercado de emprego, enfatizando, a par do saber, o “saber fazer”, o “saber ser” e o “saber agir”. Deste modo, procuramos refletir de forma contínua e conjunta sobre os objetivos e metodologias da formação, sobretudo quando os alunos chegam à escola muito jovens, cada vez mais portadores de fracos recursos quer ao nível cognitivo quer das atitudes e valores, sendo rapidamente encaminhados para um mercado exigente e competitivo para cujas condições devem estar preparados, não apenas para sobreviver e singrar nele como cidadãos e

profissionais de sucesso, mas também para se tornarem agentes da sua transformação, o que me remete para a necessidade de ativar o sistema de afiliação, de prestação de cuidados e de afetos a estes jovens. Apostar na relação porque é nela que se alteram comportamentos, refletir em conjunto sobre os problemas e partilhar responsabilidades na tomada de decisões.

A ETP Sicó tem obtido resultados interessantes a vários níveis porque promove a articulação de medidas resultantes do empenho dos seus docentes e técnicos, dos encarregados de educação, dos autarcas, das empresas parceiras, da colaboração com outras escolas, da forma como os professores organizam o seu trabalho e ensinam os alunos e muito esforço e trabalho por parte de todos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Anderson, L. M., Goodman, J., & Schlossberg, K. N. (2012). *Counseling adults in transition, fourth edition: Linking Schlossberg's theory with practice in a diverse world*. New York: Springer Publishing Company.

Azevedo, J., Fonseca, A., Jacinto, F., & Pinto, J. (2003). *O Ensino Profissional em Portugal: Contributos para a formulação de uma estratégia para o seu desenvolvimento*. Porto. Fundação Manuel Leão.

Xufre, G. (2014). Retrieved 01 outubro 2014, from blog – A Educação e o Emprego. www.aeducacaoeoeemprego.blogspot.com

Collares, C. (2011). Autoeficácia nas palavras do próprio Albert Bandura (On Bandura, A. (1994). Self-efficacy. In V. S. Ramachandran (Ed.), *Encyclopedia of human behavior* (Vol. 4, pp. 71-81). New York: Academic Press. (Reprinted in H. Friedman [Ed.], *Encyclopedia of mental health*. San Diego: Academic Press, 1998). [Obtido em <http://des.emory.edu/mfp/BanEncy.html>].

Condemarín, M., & Medina, A. (2000). Evaluación de los aprendizajes. Un medio para mejorar las competencias lingüísticas y comunicativas. MINEDUC P-900. República de Chile: División de Educación General, Ministerio de Educación.

Farinha, J. (1990). *Abordagem Sistémica em Educação - Uma Perspetiva em Filosofia da Educação*. (Tese de Mestrado em Ciências da Educação). Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra. Coimbra.

Gaitas, S., & Morgado, J. (2010). Educação, diferença e psicologia. *Revista Análise Psicológica*, vol. 28 (n.º 2), pp.359-375. Lisboa.

Gamboa, V. M., & Paixão, M. P. (2014). A Qualidade da Experiência de Estágio e o Desenvolvimento Vocacional de Estudantes dos Cursos Tecnológicos. *Psicologia Reflexão e Crítica*, 27 (2), 377-387.

Marques, M. (1993). O Modelo Educativo das Escolas Profissionais: Um Campo Potencial de Inovação Contribuições para a sua compreensão ou um “ensaio” a partir de uma experiência – Educa, Associação Nacional de Escolas Profissionais, Lisboa.

Neves, L., & Oliveira, I. (2012). Preparar a transição para a vida ativa em contexto escolar: Avaliação de uma prática Psicológica de infusão curricular e consultadoria. Universidade do Minho.

Oliveira, R. (2012). *Transição para a Vida Adulta - Inclusão de Pessoas Portadoras de Deficiência no Mercado de Trabalho*. (Tese de Mestrado em Ciências da Educação: Educação Especial). Escola Superior de Educação Almeida Garrett. Lisboa.

Orvalho, L. (2010). *A Estrutura Modular nos Cursos Profissionais das Escolas Secundárias Públicas: do Modelo Curricular às Práticas. Dois Estudos de Caso*. (Dissertação de Doutoramento, Tese não publicada). Faculdade de Educação e Psicologia da Universidade Católica Portuguesa. Porto.

Projeto Educativo da Escola Tecnológica e Profissional de Sicó, 2013.

Riche, G., & Monte Alto, R. (2001). As organizações que aprendem segundo Peter Senge: “A quinta disciplina”. *Cadernos Discentes Coppead*, Rio de Janeiro, n. 9, p. 36-55.

Rijo, D. (2013). “Dar Esperança a Todos os Jovens”. 3.^a Conferência EPIS. Fundação Calouste Gulbenkian. Lisboa.

Rogers, C. *Tornar-se Pessoa*. (On becoming a person, 1961). Tradução: Manuel José do Carmo Ferreira e Alvarado Lamparelli. Revisão técnica Cláudia Berlinerj. – 5.^a edição. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

Vondracek, F. W., Ferreira, J. A., & Santos, E. R. (2010). Vocational behavior and development in times of social change: new perspectives

for theory and practice. *International Journal of Educational and Vocational Guidance*, 10, 125-138.

ANEXOS

QUESTIONÁRIO 1

QUESTIONÁRIO 2

QUESTIONÁRIO 1 (ADMINISTRADO EM 2011)

QUESTIONÁRIO - Formação em contexto de trabalho

Antes de responder ao questionário, tenha em conta os seguintes aspectos:

- √ Agradecemos que siga as instruções de resposta que apresentamos para cada questão.

- √ Uma vez que se trata de um formulário electrónico, pode alterar as suas respostas sempre que quiser, antes de dar por concluído o preenchimento do questionário.

- √ Todas as informações que fornecer permanecerão confidenciais e anónimas, uma vez que a informação fornecida não permitirá a sua identificação.

- √ Poderá esclarecer qualquer dúvida através do contacto: ilidiobaptista@etpsico.pt.

Obrigado pela colaboração.

1. Idade:

Indique a sua idade à data de preenchimento do inquérito

2. Sexo:

- Feminino
 Masculino

3. Curso Profissional que frequentou:

- Informática/Gestão
 Automação Industrial
 Planeamento e Gestão da Produção
 Gestão
 Electrónica, Automação e Comando

4. Ano de conclusão do seu curso:

- 2001
 2002
 2003
 2004
 2005
 2006
 2007
 2008
 2009
 2010

Continuar »

QUESTIONÁRIO - Formação em contexto de trabalho

5.1. Se respondeu SIM à questão anterior:

- Aceitou a oferta de emprego
 Não aceitou a oferta de emprego

5. Quando concluiu o seu curso, a empresa/entidade onde realizou o seu estágio (3º ano) ofereceu-lhe trabalho?

- Sim
 Não

6. Situação actual face ao emprego:

- Empregado(a)
- Desempregado(a)
- A trabalhar por conta própria
- A frequentar o Ensino Superior
- Outra

6.1. Se respondeu "outra", indique qual:

7. Se está empregado(a) ou a trabalhar por conta própria, indique-nos a sua profissão ou área de actividade:

8. Se está empregado(a) por conta de outrém, indique-nos a natureza do vínculo laboral:

- Contrato sem termo (efectivo / do quadro)
- Contrato a termo certo (contrato a prazo)
- Prestação de serviços (recibo verde)
- Outra

8.1. Se respondeu "outra", indique qual:

9. Se fosse hoje, escolheria o ensino profissional?

- Sim
- Não

10. Se fosse hoje, escolheria o mesmo curso?

- Sim
- Não

11. Até que ponto a Formação em Contexto de Trabalho (estágios) que fez durante o seu curso profissional foi importante para a sua aprendizagem, ajudando-o(a) a adquirir as competências que hoje possui?

- Muito importante
- Importante
- Pouco importante
- Nada importante

12. De uma forma global, como avalia o seu estágio curricular?

- Muito Bom
- Bom
- Suficiente
- Mediocre
- Mau

13. Indique-nos o grau de importância de diferentes tipos de saberes/competências para o sucesso no seu estágio e na sua vida profissional, segundo o que a sua experiência lhe diz que é mais valorizado pelos empregadores.

	1 - Nada importante	2 - Pouco importante	3 - Importante	4 - Muito importante
Uso corrente da língua materna (comunicação oral e escrita no interior da empresa/organização empregadora)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Conhecimentos de uma ou mais línguas estrangeiras	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Uso corrente das TIC	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Capacidade de realizar operações elementares de cálculo e interpretação de dados (ex: cálculo percentual, construção e interpretação de gráficos e tabelas, etc)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Conhecimentos científicos mais aprofundados (Matemática, Física e Química, Economia, Direito, e/ou outras do seu curso)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Conhecimentos/competências técnicas na área do seu curso	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Qualidades pessoais (simpatia, motivação, pro-actividade, determinação, curiosidade, engenho, etc)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Capacidade de integração na empresa/organização (disponibilidade, flexibilidade, pontualidade e assiduidade, capacidade de trabalho em equipa, capacidade de resolução de problemas, liderança, etc)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

14. Na sua opinião, quais as disciplinas da área técnica do seu curso que mais contribuíram para o sucesso do estágio e subsequente inserção profissional?

15. Como considera que a escola o(a) ajudou a preparar-se para os desafios da integração no mundo do trabalho?

- Muito Bem
- Bem
- Razoavelmente
- Mal
- Muito Mal

15. Como considera que a escola o(a) ajudou a preparar-se para os desafios da integração no mundo do trabalho?

- Muito Bem
- Bem
- Razoavelmente
- Mal
- Muito Mal

16. Como avalia o acompanhamento que a escola fez aos seu(s) estágio(s)?

- Muito Bom
- Bom
- Razoável
- Mau
- Muito Mau

17. Como avalia o acompanhamento que a empresa/instituição de acolhimento lhe proporcionou durante o seu estágio (final)?

- Muito Bom
- Bom
- Razoável
- Mau
- Muito Mau

18. Que sugestões daria à sua antiga escola para melhorar o processo de planeamento, organização e avaliação dos estágios dos seus alunos?

Nunca envie senhas em Formulários Google.

QUESTIONÁRIO 2 (ADMINISTRADO EM 2015)

O presente inquérito é confidencial, insere-se no âmbito do Mestrado Integrado de Psicologia na área da Educação, Desenvolvimento e Aconselhamento e pretende recolher informação relativamente à importância e influência de algumas variáveis na inserção socioprofissional dos alunos do Ensino Profissional.

CARACTERIZAÇÃO SOCIODEMOGRÁFICA

Sexo: Escolha um item. Idade: Clique aqui para introduzir texto. Estado civil: Escolha um item.

Escolaridade: Escolha um item. Situação Profissional: Escolha um item.

Curso Profissional: Clique aqui para introduzir texto. Ciclo formativo: Clique aqui para introduzir texto.

Profissão que exerce: Clique aqui para introduzir texto.

Cargo que ocupa (função que desempenha): Clique aqui para introduzir texto.

ENSINO PROFISSIONAL

Assinale que motivo (s) o/a levou a escolher um Curso Profissional:	
Pela oferta formativa	
Pela formação em contexto de trabalho	
Pela diferenciação pedagógica	
Pelas saídas profissionais	
Pelo prestígio / qualidade da escola	
Pelo ensino mais prático	
Pelas boas instalações	
Por influência de colegas / amigos	
Escola geograficamente próxima	
Outros. Quais?	Clique aqui para introduzir texto.

AVALIAÇÃO DO ESTABELECIMENTO DE ENSINO

Que razões o/a levaram a escolher a ETP Sicó em particular?	
Instalações físicas	
Equipamentos e materiais adequados	
Prestígio da escola	
Oferta formativa diversificada	

Experiência e <i>know how</i> adquiridos (FCT)	
Apoios sociais	
Serviços de apoio ao aluno	
Índices de conclusão, aproveitamento e empregabilidade	
Bom ambiente interno e relações interpessoais	
Outros. Quais?	Clique aqui para introduzir texto.

QUALIDADE DO ENSINO

No seu entender, a qualidade do ensino verifica-se sobretudo ao nível de que indicadores? Justifique.	
Qualidade do corpo docente	
Instrumentos de avaliação e materiais de apoio adequados	
Prática Pedagógica Diferenciada	
Acompanhamento dos alunos com maiores dificuldades	
Organização interna	
Ambiente interno / relacionamento interpessoal	
Atividades de complemento de formação	
Prática Educativa Inovadora	
Relações com o tecido empresarial	
Acompanhamento FCT (estágio)	
Programa Leonardo da Vinci / Erasmus	
Outros. Quais?	Clique aqui para introduzir texto.

RELACIONAMENTO INTERPESSOAL

Considera importante a capacidade de relacionamento interpessoal prioritariamente em que aspetos?	
Relação entre os alunos	
Relação entre os alunos e professores	
Relação entre os alunos, professores e colaboradores	

FORMAÇÃO EM CONTEXTO DE TRABALHO

A Formação em Contexto de Trabalho permitiu-lhe rentabilizar que tipo de capacidades/competências:	
Experiência em situação real de trabalho	
Trabalhar em equipa	
Desenvolvimento de Competências Pessoais e Sociais	

Desenvolvimento de Competências Técnicas	
Identificação e resolução de problemas em contexto de trabalho	
Capacidade de relacionamento interpessoal em contexto de trabalho	

INSERÇÃO SOCIOPROFISSIONAL

Indique a sua ordem de preferência (1.º; 2.º; 3.º; ...) relativamente à importância dos fatores que se seguem na inserção socioprofissional dos alunos diplomados no modelo de ensino profissional.	
Índices de conclusão, aproveitamento e empregabilidade	
Desenvolvimento das Competências Pessoais e Sociais (saber estar; saber ser)	
Desenvolvimento das Competências Técnicas (saber fazer)	
Prática Pedagógica Diferenciada	
Relações com o tecido empresarial	
Acompanhamento FCT (estágio)	
Outros. Quais?	Clique aqui para introduzir texto.

Com base numa escala de frequência de tipo Likert, com cinco alternativas de resposta, oscilando entre **1 (Nada Importante)**, **2 (Pouco Importante)**, **3 (Importante)**, **4 (Muito Importante)** e **5 (Essencial)**, indique o grau de importância que atribui aos fatores referidos.

	1	2	3	4	5
Índices de conclusão, aproveitamento e empregabilidade					
Desenvolvimento das Competências Pessoais e Sociais (saber estar; saber ser)					
Desenvolvimento das Competências Técnicas (saber fazer)					
Prática Pedagógica Diferenciada					
Relações com o tecido empresarial					
Acompanhamento FCT (estágio)					
Outros. Quais?	Clique aqui para introduzir texto.				

Enquanto profissional qual a importância que atribui ao desenvolvimento de competências pessoais e sociais (*soft skills*) e ao estágio (formação em contexto de trabalho)?

Clique aqui para introduzir texto

Enuncie, pelo menos, três fatores que considere essenciais para a boa inserção socioprofissional dos alunos diplomados no modelo de ensino profissional.

Clique aqui para introduzir texto.